

A CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS COMO ELEMENTO DE RESISTÊNCIA EM COMUNIDADES QUILOMBOLAS

Leandro Haerter*
Hélcio Fernandes Barbosa Júnior**
Denise Marcos Bussoletti***

RESUMO: O processo de contação de histórias em comunidades quilombolas configura-se como uma prática cotidiana que contribui para a preservação, transmissão e ressignificação de saberes e experiências. As histórias são renovadas e atualizadas constantemente e por essa razão resistem nos quilombos brasileiros. Nesse sentido, a discussão teórica que apresentamos compreende comunidades quilombolas, inclusive, como coletivos afrodescendentes, rurais e urbanos, onde podemos encontrar fortemente a presença de narradores, ou seja, sujeitos responsáveis pela transmissão oral da experiência, conforme a perspectiva benjaminiana. Discutimos neste texto o processo de contação de histórias como elemento de resistência que preserva e ressignifica culturas, identidades, memórias e as próprias histórias contadas e recontadas, reforçando assim, a compreensão de quilombos tradicionais e contemporâneos como espaços de resistência a partir da arte da contação de histórias. Para tanto, utilizamos o texto “O Narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov”, de Walter Benjamin, além de um repertório particular, acerca da realidade de comunidades quilombolas do Sul do Rio Grande do Sul.

Palavras-chave: Contação de histórias. Narradores. Resistência. Comunidades quilombolas.

ABSTRACT: The storytelling process in quilombo communities appears as an everyday practice that contributes to the preservation, transmission and resignification of knowledge and experiences. The stories are constantly renewed and updated and for this reason resist in the Brazilian quilombos. In this sense, the theoretical discussion we present understands quilombo communities, also, as African descendants collective, rural and urban, where we can find strongly the narrators presence, that is, subjects responsible for the oral transmission of experience, according to the Benjamin’s perspective. In this text, we discuss the storytelling process as a resistance element that preserves and resignifies cultures, identities, memories and their own stories told and retold, thus emphasizing, the understanding of traditional and contemporary quilombo as resistance spaces from the art of storytelling. For this, we use the text “O Narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov” of Walter Benjamin, and a particular repertoire about the Sul of the Rio Grande do Sul quilombo communities reality.

Keywords: Storytelling. Narrators. Resistance. Quilombo communities.

* Técnico em Assuntos Educacionais no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Sul-rio-grandense (IFSul). Doutorando no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Pelotas (PPGE/UFPel). E-mail: leandro@pelotas.ifsul.edu.br

** Professor na Rede Pública Estadual do Rio Grande de Sul, no município de Pelotas. Doutorando no PPGE/UFPel. E-mail: helcio_rs@msn.com

*** Professora Associada e Pró-reitora de Extensão e Cultura na UFPel. Doutora em Psicologia. E-mail: denisebussoletti@gmail.com

Considerações iniciais

A arte de contar histórias é uma das mais antigas da humanidade. Muitas civilizações utilizavam a narrativa como principal forma de transmissão de conhecimentos e perpetuação de modos de vida, culturas e princípios de formação humana.

Através da história, a contação de histórias buscava significar a dimensão simbólica da vida a partir do uso de palavras e gestos direcionados para os membros, seja da família ou de um agrupamento social. Essas histórias narradas através da oralidade ocupavam-se especialmente em compreender os mistérios da existência, do ponto de vista da natureza, da sobrenatureza e da origem dos homens.

O contador de histórias tinha grande importância dentro de seu grupo, pois era o responsável pela manutenção e transmissão oral da experiência, desde informações mais gerais até o cabedal de conhecimentos construídos coletivamente no interior do grupo há gerações. Essa maneira de transmissão de saberes e conhecimentos, predominantemente oralizada, fora bastante difundida nos períodos anteriores à escrita por toda a humanidade, mas, com o passar do tempo, precisamente com a chegada da era moderna, a escrita, na maior parte do mundo, passou a ganhar expressivo *status* como forma de expressão de cultura, sistematização de saberes e organização de conhecimentos.

Nesse sentido, Walter Benjamin (1994) traz a ideia de que esse narrador tradicional, juntamente com a arte da contação de histórias, estaria desaparecendo, morrendo ou agonizando em espaços outros, o que nos faz refletir acerca da manutenção da arte de contação de histórias em espaços específicos, sobretudo, enquanto forma de resistência em comunidades tradicionais, onde a oralidade ainda faz sentido e significa práticas, saberes, além de constituir-se como forma de ensinar e de aprender. Ouvir histórias significa desprendimento de tempo e atenção dos ouvintes, algo tão raro nos tempos atuais. O intercâmbio de experiências, que segundo o autor era uma faculdade “[...] segura e inalienável” (BENJAMIN, 1994, p. 198), pode estar sendo trocado por meios de informação tecnológicos, o que seria um dos fatores de perda da prática da oralidade como transmissão de saberes.

Dessa forma, neste artigo¹, pretendemos enfatizar a noção de quilombo enquanto espaço de resistência escrava no período colonial brasileiro, e também contemporâneo, sobretudo a partir de um viés específico, qual seja: a contação de histórias como forma de resistência, cuja presença mantém e ressignifica cultura, saberes, conhecimentos e memórias. Assim, este texto é fundamentalmente um exercício de interlocução entre a obra “O Narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov”, de Walter Benjamin e de nossa experiência de pesquisa em comunidades quilombolas no Sul do Rio Grande do Sul.

1 Benjamin e a “morte” dos narradores

Nas sociedades caracterizadas pela tradição oral, a contação de histórias possui uma importância fundamental, na medida em que se constitui como um forte manancial de saberes e conhecimentos e, sobretudo, como uma forma de transmissão destes que, aliado à memória, mostram-nos e ensinam muito sobre os significados e significantes sociais presentes nessas sociedades, como o culto às divindades e aos ancestrais, a relação com o tempo e com a natureza, fenômenos que são atravessados secularmente e ensinados de geração a geração.

Como sendo o narrador alguém que vive a cultura, tornando-se assim grande observador da sua comunidade, torna-se ele um sujeito que vem dos seus pares, onde, responsável pela transmissão do conhecimento, “tem sempre suas raízes no povo, principalmente nas camadas artesanais” (BENJAMIN, 1994, p. 214). Essa característica aproxima o narrador dos ouvintes aumentando sua atenção quanto ao que é de fato importante aprendido para a comunidade a qual se destina.

O ato de contar histórias é atribuído, em grande parte dos casos a alguém com maior experiência, como sendo uma atividade que mereça atenção e trato refinados, fazendo com que o ouvinte prenda sua atenção àquilo que está sendo contado. Esse fator de experiência maior é reforçado por Benjamin (1994, p. 200), quando diz que “o narrador é um homem que sabe dar conselhos”, ou seja, sendo possuidor de vivências maiores, aquele que narra assume a propriedade de passar a experiência socialmente compartilhada aos outros membros do grupo.

¹ Este Artigo é uma versão modificada do Ensaio apresentado como requisito parcial para a conclusão do Seminário Avançado “Leituras de Walter Benjamin”, ministrado no primeiro semestre letivo de 2013, pela Profa. Dra. Denise Marcos Bussoletti, junto ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Pelotas (PPGE/UFPel).

Para Benjamin (1994), existem dois tipos de narradores: aquele que vem de longe, como é o caso do marinheiro comerciante, e aquele que vive em seu próprio país, conhecendo bem suas tradições, como é o caso do camponês sedentário. O marinheiro traz a experiência de suas viagens, deslocando-se no espaço, enquanto que o camponês sedentário traz um conjunto de saberes verticalizados no tempo, acerca do conhecimento de sua terra e tradições. São narradores que narram de lugares diferentes.

Nesse processo, para Benjamin (1994), a narrativa é experiência compartilhada por todos os membros de determinada comunidade, constituindo-se como uma de nossas habilidades mais essenciais, cujo objetivo é possibilitar a troca de experiências. É através das narrativas presentes na contação de histórias que nos tornamos sujeitos, nos sentimos membros de determinado grupo e nossas memórias fazem sentido, significam para nós mesmos.

Mas na sociedade capitalista moderna, esse contar e ouvir histórias estão cada vez mais raros, sumindo, morrendo. Praticamente não se conta nem se ouve mais histórias, seja no interior da família, dentro de um ônibus, ao redor de uma fogueira. Para Walter Benjamin (1994), a contação de histórias e o seu contador, em seu sentido tradicional, estão desaparecendo, em razão da emergência das novas tecnologias e o processo de escrita estarem substituindo, em certa medida, a narração oral. Essa “incomunicabilidade”, para o autor, vem com a modernidade e um significativo exemplo pode ser encontrado no final da Segunda Guerra Mundial, quando combatentes tornaram-se mudos na batalha e carentes de experiências comunicáveis, dotadas de sentido. Dentre os adventos da modernidade que estariam substituindo o narrador tradicional, encontramos o romance, que, segundo Benjamin, é “O que separa o romance da narrativa (e da epopeia no sentido estrito) é que ele está essencialmente vinculado ao livro” (BENJAMIN, 1994, p. 201).

Aquela narrativa que possibilita acessar outro tempo, outros seres, outros espaços e relatos de grandes feitos que ensina muito sobre, por exemplo, a origem de comunidades tradicionais está sendo subsumida pela modernidade, que por sua vez, cria barreiras para o desenvolvimento da experiência coletiva anteriormente vivenciada. As profundas transformações vividas com a modernidade, em especial com o desenvolvimento da técnica, fazem com que seja criada uma espécie de vácuo entre uma geração e outra, aumentando o individualismo, bem como a fragmentação social e a distância entre um grupo social e outro, entre uma geração e outra. Ao contrário de comunidades tradicionais caracterizadas pela tradição oral, em que suas experiências

eram mais sedimentadas e havia uma memória coletiva que integrava o grupo a favor de uma identidade comum.

Segundo Benjamin (1994), com o surgimento do romance no começo da modernidade as narrativas orais começam a enfraquecer. O romance está diretamente relacionado à escrita. Com o romance, a ação de buscar na experiência algo para ser narrado e agregado às experiências daqueles que ouvem, própria do contador de histórias, esgota-se. Por outro lado, a informação/narrativa jornalística é outra forma de comunicação que vai contribuir significativamente para a crise da narrativa oral, em especial a partir da invenção da imprensa.

Esses são, para Benjamin, os dois elementos da modernidade que tornam possível a morte da narrativa. Com isso, o contador de histórias tradicional está morrendo, morrendo pela incapacidade de narrar, morrendo pela crise da tradição oral, morrendo pelo abalo do lugar da experiência. Dessa forma, a arte da elaboração de narrativas está cada vez menos frequente no cotidiano das pessoas, em vias de extinção (BENJAMIN, 1994). A arte de narrar está desaparecendo pelo empobrecimento da experiência, que é a grande matéria-prima do narrador.

Contudo, muito embora a presença de contadores de histórias esteja desaparecendo paulatinamente, essa arte ainda sobrevive em alguns espaços em que práticas de resistência política e cultural foram e continuam sendo fortes, como é o caso das comunidades quilombolas no Brasil. Espaços nos quais os contadores possuem importância fundamental, pois ligam seus membros à sua cultura e tradições, atualizando memórias a partir da contação e “recontação” de histórias.

2 A contação de histórias como elemento de resistência em comunidades quilombolas

As comunidades quilombolas que surgiram da desagregação de grandes propriedades monocultoras (ANJOS; BAPTISTA DA SILVA, 2004) após a queda do sistema escravista brasileiro, elaboraram uma série de formas de resistência em suas trajetórias históricas que acabaram por fazer ruir aquele sistema explorador e desumano. (MAESTRI FILHO, 1984; 1986; 1988, MAESTRI, 1994; 2006).

Mas a contação de histórias nessas comunidades também foi, e continua sendo, uma expressiva forma de resistência, na medida em que, cultural e historicamente falando, os quilombolas resistiram através da memória e da preservação e ressignificação de suas crenças, costumes, valores civilizatórios marcadamente africanos. O mito da deusa e divindade Ananse,

dessa maneira, constitui uma determinada visão de mundo sobre o surgimento das histórias e de sua contação.

Metaforicamente falando, os sujeitos escravizados trouxeram também a divindade e a aranha contadora de histórias, Ananse, cujo mito contribuiu na manutenção de elementos da cultura africana e na ressignificação de uma série de saberes e fazeres marcadamente africanos conjugados com sabedorias locais, de modo a manter os laços ancestrais com a África, preservando e ressignificando elementos de sua cultura “original”, face à realidade da escravidão.

Nos termos de Zélia Amador de Deus (2008):

São homens e mulheres que, apesar de todos os entraves que lhes foram impostos, mantiveram força e inteligência suficientes para conhecer, compreender e adaptarem-se às terras que lhes eram estranhas. E, para tanto, não contaram com outros recursos, senão seus corpos, suas mãos, suas habilidades com o que foram capazes de criar e improvisar. Entretanto, esses homens e mulheres contaram, sobretudo, com suas memórias vivas procedentes da África, ambiente rico em rituais, mitos e tradições orais. E porque não dizer, estes africanos, nessa tentativa de recuperação de si, contaram com a preciosa ajuda de Ananse. (AMADOR DE DEUS, 2008, p. 130)

O mito de Ananse, nessa perspectiva, remonta a uma época na qual não haviam histórias para serem contadas, elas pertenciam ao deus Nyame e ficavam no Céu, dentro de um baú. As pessoas relacionavam-se umas com as outras, mas não haviam histórias para serem contadas. Então, Ananse subiu ao Céu para encontrar Nyame e comprar as histórias para que pudessem ser contadas em sua aldeia, tecendo e subindo, tecendo e subindo, até chegar. Nyame pediu para Ananse três presentes, em troca do baú com as histórias. Osebo (leopardo com dentes de sabre), Mmboro (marimbondos que picam como fogo) e Moatia (a fada que nenhum homem viu) eram os desejos do deus. Ananse concorda e retorna à Terra, ao início de sua teia, capturando os três presentes. Retorna ao Céu e para surpresa de Nyame, lhes entrega os três desejos. Assim, o deus entrega à aranha o baú que contém todas as histórias, e desde aquele dia elas passaram a ser de Ananse, que as espalhou para toda a humanidade com sua teia.

Com o mito da divindade Ananse, que também era uma aranha contadora de histórias, podemos aprender muito sobre o processo de ressignificação de memórias, culturas, saberes, conhecimentos e resistências outras nos quilombos brasileiros e até mesmo em outros coletivos afrodescendentes. O mito ajuda a espalhar histórias e compreender que as teias de Ananse renovam e ressignificam essas sabedorias, reforçando valores civilizatórios outros, tão negligenciados pela visão eurocêntrica de mundo no qual vivemos.

Então, quando esses milhares de africanas e africanos vieram compulsoriamente para o Brasil para trabalharem, escravizados, nos mais diferentes tipos de plantações e fazendas, eles trouxeram todo um conjunto de saberes e conhecimentos próprios, que o colonizador tentou negligenciar, fazer morrer, desaparecer (AMADOR DE DEUS, 2008). Dessa forma, ficava mais fácil do ponto de vista colonial impor uma determinada religião, um costume, uma língua branca e uma história.

Mas essas sabedorias não foram totalmente reprimidas, ao contrário, elas sobreviveram e foram ressignificadas pelas próprias africanas, africanos e também por seus descendentes no interior dos quilombos, cuja formação foi tramada na fuga, na luta e na constante resistência.

Resistência ao sistema escravista, resistência à exploração do trabalho escravo, resistência à dominação de todas as ordens (MAESTRI FILHO, 1984; 1986; 1988, MAESTRI, 1994; 2006), mas, sobretudo, resistência como sinônimo de permanência em determinado território (ALMEIDA, 2006), onde os não mais escravos reelaboravam sua cultura, suas crenças, sua religiosidade, suas histórias, muitas vezes conjugando isso tudo com aspectos da cultura branca e indígena, já que os quilombos tradicionais possuíam uma formação étnica heterogênea, sendo constituídos por escravos fugitivos do sistema escravista e por grupos outros, descontentes com a lógica maniqueísta, exploratória e desumanizante daquele sistema.

Compreender o processo de contação de histórias como elemento de resistência em quilombos significa reconhecer essa arte como uma forma de opor-se ao trabalho feitorizado em determinado momento da história brasileira, pois a arte de contar histórias, naquele contexto, alimentava o cativo com o sonho da liberdade, tornava possível a manutenção de um vínculo com uma África livre e imprimia-lhes possibilidades de futuro. Sonhos que eram individuais, mas, sobretudo, coletivos, atrelados às suas experiências com a dura realidade da escravidão em território brasileiro.

A atividade de contar histórias é normalmente considerada característica de todo o discurso humano e está fora de moda falar da narrativa como uma forma de expressão universal que é aplicável tanto às experiências de vida individuais quanto aos dramas da interação social. (GOODY, 2012, p. 110)

Ao contar suas histórias, os sujeitos criam dispositivos que contribuem para a permanência e conhecimento de sua formação dentro de seus grupos de convivência, o que atribui caráter de resistência quando usado como oposição aos sistemas de opressão a que ele e seu grupo foram

submetidos, podendo assim ser possível refletir acerca de formas de diminuir-se e até mesmo fazer ruir esse sistema opressivo.

Nessa perspectiva, por meio de Peter McLaren (2000), podemos pensar a questão da resistência de comunidades quilombolas pelo viés do multiculturalismo crítico considerando que:

[...] multiculturalismo crítico compreende a representação de raça, classe e gênero como o resultado de lutas sociais mais amplas sobre signos e significações e, neste sentido enfatiza não apenas o jogo textual e o deslocamento metafórico como forma de resistência, mas enfatiza a tarefa central de transformar as relações sociais, culturais e institucionais nas quais os significados são gerados. (MCLAREN, 2000, p. 123)

Ou ainda, como acentua Benjamin (1994, p. 211), a narrativa pode ser apreendida como um elemento fundamental de resistência, uma vez que, “A *reminiscência* funda a cadeia da tradição, que transmite os acontecimentos de geração em geração”, atribuindo, assim, um caráter de perpetuação da memória, bem como de relações já vividas por este ou aquele indivíduo envolvido em determinado contexto.

Uma narrativa é uma “reminiscência”, da mesma maneira que uma comunidade quilombola também é uma reminiscência, uma vez que é remanescente, uma vez que é aquilo que sobrou das grandes propriedades monoculturas. Ao sobrar, ao resistir, mantém e ressignifica culturas, histórias, saberes etc., que são transmitidos e reelaborados no interior das comunidades, de geração a geração.

Nessa perspectiva, a título de ilustração, trazemos aqui dois fragmentos narrativos de nossa dissertação de mestrado (HAERTER, 2010), que investigou o processo de auto-identificação quilombola de uma comunidade negra rural. Eles apontam uma memória coletiva contada e recontada para todos, como considerou Benjamin (1994), sobretudo no interior do quilombo, acerca da origem da comunidade, seu mito fundador, conforme segue:

“eu vou falar do que os meus pais falavam, que era coisa do tempo dos escravos, tinha [...] duas velhas que moravam ali embaixo, em uma fazenda ali e elas eram solteironas, aí pegaram um casal de escravos para criar e criaram aqueles escravos. Como elas não tinham filhos [...] as terras que elas tinham elas passaram para aqueles negros escravos delas, aí em falta delas a herança delas era dos escravos e ali veio a geração, geração, geração, só que, a era muita terra, os grandes começaram cada um tirar um pedaço que é onde nós estamos nesse reduto aqui, isso aqui tudo é da mesma área das velhinhas, do Cerro das Velhas, porque tem o nome de Cerro das Velhas? porque essa daí é a origem do Cerro das Velhas, que esta terra aqui era de umas velhas e aí elas criaram os escravos e na falta delas elas passaram as terras delas para os escravos, só que aí foram tomando conta” (liderança quilombola)

E ainda:

“o que eu sei é que elas gostavam, vinham criando esses negrinhos e os negrinhos se criavam, ficavam rapaz, moços, agarravam mulher ou casavam, ‘onde é que eu vou morar?’, ‘onde é a minha posse?’, ‘onde é a minha casa?’, ‘tu faz a tua casinha, escolhe lugar, faz a tua casinha’, ‘ah, eu vou fazer lá, na tal figueira tal, na pedra essa, na pedra aquela’, ‘pois então faz lá’. Os negrinhos delas nasciam, iam se criando, elas iam cuidando deles também. Os negrinhos se criavam, ‘onde é que eu vou fazer a minha casinha?’, ‘faz aí, em tal lugar’. A população ia crescendo e eles se expandindo”. (liderança quilombola)

As narrativas acima apresentam elementos que remetem à origem da comunidade na perspectiva da contação de histórias, tendo na figura das velhas escravocratas seu ancestral fundador, e também relatos de expropriação fundiária e da história da ocupação daquele território compreendido como o Cerro das Velhas. Mostra, sobretudo, o vínculo afetivo daqueles quilombolas com o seu território que é espaço de resistência e produtor e ressignificador de memórias coletivas, narrações, culturas e histórias outras.

Nesse sentido, podemos dizer que a contação de histórias como prática de resistência em quilombos foi, historicamente, nos quilombos tradicionais um registro, que se mantém e ressignifica-se nos quilombos contemporâneos quando considerado, por exemplo, também o fato de que essas comunidades ainda resistem/permanecem em seus territórios tradicionalmente ocupados (ALMEIDA, 2006), ainda mantém hábitos e ressignificam identidades e ainda vivem o caráter coletivo visto especialmente pelo alto grau de integração e sistema de trocas próprio, dentro de um território onde aspiram melhorias em suas condições reais de existência, onde desenvolvem projetos futuros e coletivos (HAERTER, 2010).

Além da permanência no território tradicionalmente ocupado (ALMEIDA, 2006), temos o entendimento de que a contação de histórias contempla práticas, experiências e saberes que remontam a uma memória, mas constantemente atualizada no tempo presente, capaz de ensinar as gerações mais jovens sobre sua cultura, antepassados, mitos fundadores, pertencimento étnico, ser quilombola! Nesse ato de contar histórias, criam-se condições de possibilidade de oposição ao caráter brutal da escravidão, trazendo narrativas outras sobre o fenômeno, atualizando frente às suas lutas diárias seja a favor da posse definitiva de suas terras ocupadas tradicionalmente, seja contra o preconceito e à discriminação, e buscando formas outras de narrar-se e protagonizar-se em relação aos ditos hegemônicos com relação à sua existência e em relação à população negra

brasileira mais ampla. O que significa resistência sim, do ponto de vista da oposição ao processo de homogeneização cultural.

A contação de histórias constitui-se como elemento de resistência em comunidades quilombolas, também, por se contrapor a formas de silenciamento cultural, opondo-se a formas homogeneizantes de cultura, contribuindo para que se constitua como mote de reflexão acerca de segregação social, do cotidiano, de lutas diárias e de questões étnicas mais abrangentes. Isso, assim acreditamos, abre espaço para o reconhecimento de suas práticas culturais, valorização e um potencial concreto para a discussão sobre a realidade do preconceito, discriminação e falta de oportunidades que assola a população quilombola e negra, num sentido mais amplo.

A contação de histórias contribui também para que seja desmistificada a concepção limitada do que venha a ser um quilombo, não apenas como lugar de negros fugitivos, mas, principalmente, como espaço de luta contemporânea pela posse definitiva de suas terras, de reconhecimento de suas trajetórias individuais e coletivas, de sua memória e mitos fundadores, sua diversidade (ANJOS; BAPTISTA DA SILVA, 2004), sendo, portanto, elemento de resistência em comunidades quilombolas, uma vez que corrobora para a revisão de uma forma estereotipada e limitada de conceber-se o próprio conceito de quilombo.

As histórias, quando contadas, recontadas e contadas novamente (BENJAMIN, 1994), abrem outras e novas possibilidades de narração – e de resistência – capazes de trazer os próprios quilombolas enquanto sujeitos políticos que prezam para que suas histórias e culturas sejam representadas nos mais variados setores da sociedade, como na luta pelo território tradicionalmente ocupado, na escola, no currículo escolar, nas relações sociais mais amplas, nos seus projetos futuros e coletivos, etc. A contação de histórias possibilita o acesso de um outro lugar, trazendo os quilombolas como protagonistas de suas vidas e destinos, contribuindo para a afirmação de seus laços de pertencimento e, inclusive, para a sua afirmação como sujeitos políticos. Nas palavras de Miguel Arroyo (2014, p. 12): “Ao se afirmar presentes como sujeitos políticos, sociais exigem o recontar dessa história [...] pedagógica que os segregou como sujeitos e os relegou a meros objetos [...] Exigem que sua história seja reconhecida”.

A contação de histórias em comunidades quilombolas é manifestação de resistência, sobretudo, enquanto oralidade, na medida em que são repositórios de saberes que atravessam gerações e que informam muito sobre a ocupação do território, a experiência ancestral com a escravidão, os resquícios que permanecem no preconceito e na discriminação, a memória, suas

tradições, dominação e resistência outras, sendo muitas vezes reinventada, atualizada e ressignificada no tempo contemporâneo. São fluídas, variando de narrador para narrador e de contexto para contexto. Enquanto que a história, na perspectiva benjaminiana, é um *continuum*, aberta a novas e outras possibilidades.

Contudo, a contação de histórias não pode ser vista somente como elemento de resistência que se dá na oralidade, pois os gestos, a corporeidade e até mesmo o silêncio constituem formas de narrar. Tampouco, a contação de história em comunidades quilombolas não é fenômeno estático, ao contrário, as histórias impregnam os lugares onde são contadas configurando-se como expressiva manifestação da cultura popular brasileira e por tornar as histórias, que contam, vivas.

O até aqui exposto permite vislumbrar algumas das razões pelas quais os quilombos podem ser apreendidos como espaços de resistência, cujas memórias remontam a tradições. Compreendemos que são espaços de produção de conhecimentos e saberes. São espaços onde os narradores, concordando com Benjamin (1994), contribuem para a manutenção de sua história e cultura através da oralidade, aspecto que resiste fortemente nos quilombos brasileiros, assim como a presença de narradores.

Assim, há inúmeros saberes e conhecimentos elaborados e ressignificados na realidade concreta de comunidades quilombolas, sabedorias essas que foram construídas, a partir da oralidade de seus contadores de histórias, e que merecem ser conhecidas por todos, uma vez que foram negligenciadas como possibilidades, como paradigma de conhecimento, como valores civilizatórios.

Nesse sentido, o ato de narrar em comunidades quilombolas torna-se, além de uma forma oral de transmissão de conhecimentos, um ato educativo. É além dessas narrativas que se formam cidadãos que, sendo estimulados pela oralidade dos mais experientes, modificam seus modos de vida. Sandra Jovchelovitch nos dá a dimensão dessas práticas em um contexto de comunidade:

Elas nos oferecem uma série de histórias, mitos e memórias do grupo social e nos introduzem aos diferentes ângulos que fazem das comunidades uma realidade plural e heterogênea. As narrativas contêm história, contêm memórias e contêm perspectivas pessoais. Elas fornecem razões e explicações sobre o que está acontecendo e permitem a uma comunidade elaborar e redimensionar realidades passadas e presentes. (JOVCHELOVITCH, 2008, p. 272)

A contação de histórias em comunidades quilombolas, em nossa perspectiva, é espaço de resistência à medida que cria condições favoráveis para a elaboração e reelaboração de elementos

sociais, culturais e políticos no interior das histórias que, quando contadas, agregam elementos do narrador e do contexto que as permeiam, muitas vezes, incorporando aspectos da luta quilombolas, em especial, pela posse definitiva de suas terras ocupadas tradicionalmente, criando possibilidade para o surgimento de outras narrativas, de outras histórias e de novos protagonismos.

Considerações finais

Na medida em que a habilidade ou a capacidade de narração está se perdendo com o avanço da modernidade, ocorre o abalo da experiência coletiva da tradição oral. Mas a arte de contar histórias ainda sobrevive em espaços nos quais a resistência é histórica, como é o caso de comunidades quilombolas brasileiras, por intermédio dos contadores de histórias que transmitem oralmente a experiência e atualizam memórias e tradições.

Nesse texto, buscamos desenvolver a ideia de que a contação de histórias foi e continua sendo uma importante forma de resistência em comunidades quilombolas, cuja força, ao mesmo tempo que, mantém viva uma série de culturas, memórias, conhecimentos e saberes, as ressignificam na atualidade.

O presente nessas comunidades faz-se a partir do passado que, sendo narrado, é ressignificado e produz a riqueza e pluralidade daquilo que está sendo contado, em detrimento da narrativa escrita, que sendo transposta perde parte importante da força conferida no momento da narração. Quando alguém conta uma história outros sentidos são associados através da escuta, fazendo com que os elementos simbólicos possam ser melhor compreendidos, trazendo à tona o real sentido de significado de uma comunidade quilombola, sua ascendência negra/escrava, espaço de luta pela posse de suas terras, respeito às tradições e trajetórias constituídas em seu processo de vínculo com o território.

As histórias são renovadas constantemente, a cada vez que são contadas, por essa razão, também, resistem e atualizam-se. A contação de histórias nos quilombos brasileiros é uma prática exercida pelos narradores, criando condições favoráveis para a preservação e a ressignificação de valores civilizatórios, memórias, identidades, sabedorias, oralidades e das próprias histórias contadas, por isso, a arte de contar histórias é elemento de resistência, de ontem e de hoje, na realidade dos quilombos.

A arte de contar histórias, embora rara, é bastante presente na realidade cotidiana de comunidades quilombolas por meio de seus narradores que contam histórias, recontam e as contam de novo. A narração, nos termos de Benjamin (1994), é justamente essa arte de contar de novo, mais de uma vez, várias vezes, conservando-as ou ressignificando-as.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Alfredo Wagner Berno. **Terras de quilombo, terras indígenas, “babaçuais livres”, “castanhais do povo”, faxinais e fundos de pasto:** terras tradicionalmente ocupadas. Manaus: PPGSCA-UFAM, 2006.

AMADOR DE DEUS, Zélia. **Os herdeiros de Ananse:** movimento negro, ações afirmativas, cotas para negros na Universidade. 2008. 295f. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, UFPA, Belém, PA.

ANJOS, José Carlos Gomes; BAPTISTA DA SILVA, Sergio (Orgs.). **São Miguel e Rincão dos Martimianos:** ancestralidade negra e direitos territoriais. Porto Alegre: UFRGS, 2004.

ARROYO, Miguel G. **Outros sujeitos, outras pedagogias.** 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2014.

BENJAMIN, Walter. O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: _____. **Magia e técnica, arte e política:** ensaios sobre literatura e história da cultura. Tradução de Sergio Paulo Rouanet. 7. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.

GOODY, Jack. **O mito, o ritual e o oral.** Tradução de Vera Joscelyne. Petrópolis: Vozes, 2012.

HAERTER, Leandro. **Uma etnografia na comunidade negra rural Cerro das Velhas:** memória coletiva, ancestralidade escrava e território como elementos de sua auto-identificação quilombola. 2010. 145f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Instituto de Sociologia e Política, UFPel, Pelotas, RS.

JOVCHELOVITCH, Sandra. **Os contextos do saber:** representações, comunidade e cultura. Tradução de Pedrinho Guareschi. Petrópolis: Vozes, 2008.

MAESTRI FILHO, Mário. **O escravo gaúcho:** resistência e trabalho. São Paulo: Brasiliense, 1984.

_____. **Breve história da escravidão.** Porto Alegre: Mercado Aberto, 1986.

_____. **A servidão negra.** Porto Alegre: Mercado Aberto, 1988.

MAESTRI, Mário. **O escravismo no Brasil.** São Paulo: Atual, 1994.

_____. **O escravo no Rio Grande do Sul: trabalho, resistência e sociedade.** 3. ed. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2006.

MCLAREN, Peter. **Multiculturalismo crítico.** Tradução de Bebel Orofino Schaefer. São Paulo: Cortez; Instituto Paulo Freire, 2000.

[Recebido: 15 jul. 2016 – Aceito: 05 dez. 2016]